

Discurso da ministra do Planejamento, Miriam Belchior, na cerimônia de entrega do 5º Prêmio SOF de Monografias

Brasília, 19 de dezembro de 2012

É com orgulho que participo desta solenidade, especialmente porque os temas escolhidos pelos vencedores do 5º Prêmio SOF demonstram o grande interesse desses pesquisadores sobre questões bastante atuais, que merecem a atenção.

Aproveito para destacar o apoio do Banco do Brasil e da Associação Brasileira de Orçamento Público, parceiros que acreditaram na iniciativa da SOF em difundir o tema orçamento público em todo o País.

Agradeço ainda à banca examinadora do prêmio, a Escola de Administração Fazendária (ESAF), que atua sempre com muita competência e seriedade.

Mas é com muita felicidade que estou aqui, como ministra do governo da presidenta Dilma, ao lado de uma técnica competente – a secretária Célia Corrêa –, e diante de uma jovem mulher, pesquisadora e mestra em economia que é dona de um currículo acadêmico já tão expressivo.

Juliana Baptistella, além deste primeiro lugar que conquistou hoje, possui outros quatro prêmios:

- do Tesouro Nacional (em 2010);
- dos Conselhos Regionais de Economia de São Paulo e do Paraná (ambos em 2009); e
- também de iniciação científica, quando ainda cursava a faculdade de economia (em 2006).

Todos sabemos que o olhar feminino é diferenciado.

Juliana, no seu trabalho, explorou um aspecto importante: o papel do Bolsa Família para o aumento do consumo de alimentos pelos beneficiários desse programa.

O estudo é especial porque destaca o consumo dos alimentos que compõem a cesta básica e que asseguram a melhora nutricional de crianças e adolescentes, particularmente nas regiões mais pobres do Brasil.

Ou seja, está falando de mais saúde, de maior qualidade de vida, de bem-estar.

Sabemos que os programas sociais iniciados em 2003 contribuíram para que, nos últimos anos,

- 24 milhões de brasileiros tenham saído da pobreza; e
- 36 milhões tenham alcançado o que chamamos de nova classe média.

Juliana mostra que o Bolsa Família teve impacto significativo neste processo.

Mas, mesmo com todo esse esforço, o Censo de 2010 identificou que 16,2 milhões de pessoas no País ainda vivem em condição de extrema pobreza.

Foi por isso que a presidenta Dilma, também com seu olhar feminino, lançou o Plano Brasil sem

Miséria, do qual o programa Bolsa Família passou a fazer parte.

O objetivo do Brasil sem Miséria é avançar ainda mais em ações que visam promover a inclusão da população mais vulnerável, buscando especialmente tirar crianças e jovens de até 15 anos das condições de extrema pobreza.

O Brasil sem Miséria, em um ano e meio, já trouxe resultados.

Com a estratégia de busca ativa, conseguimos, por exemplo, incluir mais 700 mil famílias nos programas sociais do governo.

Essas pessoas, que antes não tinham acesso a nenhum tipo de benefício, vivem no semiárido e nas florestas, mas também nas nossas grandes cidades.

São milhares que brasileiros que estavam à margem das políticas públicas.

A inclusão social e a redução das desigualdades são o desafio que enfrentamos no governo da presidenta Dilma, assim como enfrentamos no governo Lula.

Essa estratégia faz parte de um modelo de desenvolvimento inclusivo, que colocamos em prática já em 2003.

Neste modelo, tem grande importância também a valorização do salário mínimo, pelo impacto na renda das famílias mais pobres.

Sabemos que o salário mínimo repercute na Previdência Social.

Mas, diferentemente de alguns, entendemos que os benefícios previdenciários são também um importante mecanismo de transferência de renda, em particular para os mais idosos e para as pessoas que vivem na zona rural.

No entanto, isso tudo é possível porque o governo tem responsabilidade fiscal – mantém as contas públicas em ordem, com a inflação sob controle.

Assim, o governo proporciona a redução dos juros e, em paralelo, estimula investimentos públicos e privados em busca de um crescimento econômico sustentável.

Esses fatos que menciono reiteram a minha avaliação sobre a atualidade e importância dos temas das monografias premiadas hoje.

Por isso, além de Juliana, merecem elogios os premiados:

- Bernardo Furtado, que escreveu sobre receitas orçamentárias;
- Bruno Tiberto e Helder Mendonça, que analisaram o sistema previdenciário; e
- Dayson Almeida, que discutiu o superávit primário.

Tenho certeza de que o prêmio SOF induz a produção de estudos ajudarão nosso País a avançar, possibilitando um melhor entendimento sobre os efeitos das políticas públicas.

Espero também que todos vocês continuem neste caminho, recebendo cada vez mais prêmios e oferecendo contribuições importantes para todos nós.

Muito obrigada.